

Nº 7

CV 320

ALGUMAS PALAVRAS

Á CERCA

DA

ALIMENTAÇÃO

COMO

MEIO THERAPEUTICO

NAS

DOENÇAS AGUDAS, CASOS DE FERIMENTO E OPERAÇÕES

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA

ACTO GRANDE

APRESENTADA

À

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA

SOB A PRESIDENCIA

DO

ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

EDUARDO PEREIRA PIMENTA

POR,

Leonarda Moreira Leão da Costa Torres

PORTO

IMPRENSA POPULAR DE MATTOS CARVALHO & VIEIRA PAIVA
69, Rua do Bomjardim, 69

1872

14/7 EMC

Para o dia 22 de Julho, pelas 12 horas
do dia.

Presidente - O Ex.^{mo} Sr. Eduardo Pereira
Vieira.

Os Ex.^{mos} Srs.

seguintes - { Manoel Maurício da Costa Leite.
Dr. João Xavier d'Oliveira Barros
Dr. José Carlos Lopes Junior.
Miguel Aires Pereira do Valle.

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

CONSELHEIRO MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

SECRETARIO

O ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

ANTONIO D'OLIVEIRA MONTEIRO

CORPO CATHEDRATICO

LENTES PROPRIETARIOS

OS ILL.^{mos} E EXC.^{mos} SNRS.

- | | |
|---|--|
| 1. ^a CADEIRA—Anatomia descriptiva e geral.... | João Pereira Dias Lebre. |
| 2. ^a CADEIRA—Physiologia..... | Dr. José Carlos Lopes Junior. |
| 3. ^a CADEIRA—Historia natural dos medicamen-
tos. Materia medica..... | João Xavier d'Oliveira Barros. |
| 4. ^a CADEIRA—Pathologia externa e Therapeutica
externa..... | Illidio Ayres Pereira do Valle. |
| 5. ^a CADEIRA—Medicina operatoria..... | Pedro Augusto Dias. |
| 6. ^a CADEIRA—Partos, molestias das mulheres de
parto e dos recém-nascidos..... | Conselheiro Manoel M. da Costa Leite. |
| 7. ^a CADEIRA—Pathologia interna. Therapeutica
interna. Historia medica..... | José d'Andrade Gramaxo. |
| 8. ^a CADEIRA—Clinica medica..... | Conselheiro Antonio F. de Macedo Pinto |
| 9. ^a CADEIRA—Clinica cirurgica..... | Agostinho Antonio do Souto. |
| 10. ^a CADEIRA—Anatomia pathologica..... | Dr. Miguel Augusto Cesar d'Andrade. |
| 11. ^a CADEIRA—Medicina legal. Hygiene privada
e publica. Toxicologia geral..... | Dr. José F. Ayres de Gouvêa Osorio. |
| Curso de pathologia geral..... | Antonio d'Oliveira Monteiro. |

LENTES JUBILADOS

- | | |
|-----------------------|----------------------------------|
| Secção medica..... | { Dr. José Pereira Reis. |
| | { Dr. Francisco Velloso da Cruz. |
| Secção cirurgica..... | { Antonio Bernardino d'Almeida. |
| | { Luiz Pereira da Fonseca. |

LENTES SUBSTITUTOS

- | | |
|-----------------------|------------------------------------|
| Secção medica..... | { Antonio d'Oliveira Monteiro. |
| | { Vaga. |
| Secção cirurgica..... | { Eduardo P. Pimenta (Presidente). |
| | { Vaga. |

LENTE DEMONSTRADOR

- | | |
|-----------------------|-------|
| Secção cirurgica..... | Vaga. |
|-----------------------|-------|

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola de 23 d'abril de 1840, art. 155.º)

AO EXC.^{MO} SNR.

EDUARDO PEREIRA PIMENTA

LENTE SUBSTITUTO DA SECÇÃO CIRURGICA

EM TESTEMUNHO

DE

SINCERA GRATIDÃO

OFFERECE O AUCTOR ESTE MESQUINHO TRABALHO

L. Torres.

O ti, minha esposa, e a innocente filhinha nossa, que nêdes n'este trabalho a ancora de futura felicidade nem era preciso offerecer este trabalho... pertencemos... O marido, a esposa e a filhinha são n'este casa a trindade ligada pela amor... as meus, as teus, e as actas da filhinha conservam ou mancham-lhe a pureza... a sociedade julgará as nossas actas punindo-as ou premiando-as... esperai como eu a fructa d'este meu trabalho para nos abraçarmos cheias de jubila ou tristeza.

L. Torres.

A MEUS

PAI, SOGRO, MÃI, SOGRA, IRMÃS, IRMÃOS E CUNHADO

É justa, que' ras offereça' a' minha these... Ella é a fructo da meu' trabalho, e' das vossos sacrificios. Os lauras calhidas por ella, ou as vituperios merecidas, serão para' nós matira de orgulha ou de vergonha... Aceitai-a como eterna reconhecimento das muitas sacrificios que ras tenha causada para' chegar a' este ponto. Eu os compensarei.

A ti, Luiz, em testemunha de saudade e' constante recordação

OFFERECE O AUCTOR

L. Torres.

A

MEUS PARENTES

E

ÀS PESSOAS QUE SE JULGUEM COM DIREITO À MINHA ESTIMA

TEREI MUITAS?!

© auctor.

INTRODUÇÃO

É sem duvida severo o regulamento escolar, que no artigo 19 do decreto regulamentar de 1832 ordena a apresentação e defeza d'um trabalho, que se chama these.

Quando fatigado por immensas lides, com que tivera de lutar bem longos dias e mal dormidas noites, está o alumno prestes a colher a palma, com que tanto sonhara desde o primeiro momento, e com que a carreira clinica lhe enebriara o espirito, a lei aponta-lhe o artigo citado, e exige mais um, e talvez o maior dos sacrificios até alli pedidos—a apresentação e defeza da these—o acto grande.

Todos os pontos de sciencia, que armazenara durante os ultimos cinco annos de frequencia, lhe parecem bem dignos de especial attenção, e de muito alto merecimento para fazerem objecto de seu trabalho; mas quando vai lêr as primeiras paginas do mais versado auctor em tal ou tal assumpto, e se lhe deparam as grandes difficuldades a vencer, rapido muda as tenções.

Gastos assim alguns mezes na facil escolha e prompto abandono de um sem numero de pontos, o curto espaço de tempo, que lhe resta, obriga-o a uma selecção precipitada; eis o estudante a braços com as grandes tormentas, a que um trabalho de tal ordem o condemna.

É em identicas circumstancias, que me vejo collocado ao traçar estas linhas.

Escolhi para objecto de meu trabalho — *Breves considerações relativas á alimentação como meio therapeutico nas doenças agudas, nos feridos, e operados.*

Quando lançamos um golpe de vista sobre as varias phases, por que teem passado as sciencias medicas, não pôde deixar de notar-se, que sempre curvadas ao imperioso dominio da phylosophia, ellas se teem deixado arrastar á mercê de seus caprichos. Vejamos.

Quinhentos annos antes de Christo, Pythagoras partindo da hypothese, que no homem havia só dois elementos o *espirito* e a *materia*, deixa sob o dominio, já das leis da materia, já das leis do espirito, os phenomenos do systema vivo.

Formada assim uma escola debaixo d'estes principios phylosophicos, o seu predominio nas theorias medicas, onde os phenomenos vitaes eram submettidos ou ás leis physico-chimicas, ou ás psicologicas, seria desde logo bem funesto, se quarenta annos depois o Velho de Cos baseado nas duas fontes de todos os conhecimentos, — a experiencia e o raciocinio —, não reconhecesse, que no homem, além dos phenomenos d'ordem physica e moral, havia outros d'uma ordem bem distincta — os phenomenos vitaes. Chamou *natureza* á causa d'estes phenomenos.

Estava lançada a pedra triangular, sobre que deviam basear-se as theorias medicas.

Ao grande Hippocrates succede Platão, a quem as eloquentes phrases de Anaxagoras fascinaram, e convencido, de que a unica fonte de conhecimentos era o raciocinio, proclama em phylosophia os mesmos principios, que Pythagoras, e em medicina pouco diz.

Aristoteles, seu discipulo, ao contrario decide-se a favor dos sentidos.

Eram os dois ramos do velho tronco hippocratico renegando a fraternidade, e desconhecendo quanto podiam auxiliar-se na investigação da verdade. Peccaram pelo exclusivismo, e lançaram em phylosophia as bases do prejudicial dichotomismo, que reina ainda em nossos dias: — o *espiritualismo* e o *sensualismo*.

Galeno, florescendo cento e setenta annos depois do

nascimento de Christo, filia-se um pouco nas idéas do Velho de Cos, e apoiado nos trabalhos d'este apresenta melhoramentos bem dignos de seu talento, nas obras, que chegaram até nossos dias.

As grandes catastrophes, que se succederam á invasão dos arabes; o incendio da bibliotheca da Alexandria; as tendencias do genio phylosophico para as questões de mera especulação, os nominaes e os reaes, eram o reflexo das tendencias para o racionalismo exclusivo de Pythagoras e Platão.

D'entre os medicos arabes devemos a Avicenna grandes serviços no aperfeiçoamento da celebre escôla de Cordova, em Hespanha, que tantos serviços prestou.

Depois que o genio phylosophico da idade média se fatigou com questões vãs, e tentou entrar no verdadeiro caminho, Descartes e Bacon, um pelo raciocinio, outro pela experiencia, levantaram de novo o dichotomismo de Platão e Aristoteles.

Como o systema de investigação preconizado por Descartes fosse mais proprio e mais ao gosto da época, fascinou os talentos de repente.

O de Bacon era mais trabalhoso; porém de mais segura base. Mas a época do seu dominio chegou tambem.

Descartes proclamou em phylosophia, que no homem havia só dois elementos: o espirito e a materia.

Os phenomenos vitaes tiveram que sujeitar-se a tão desnaturada paternidade, a que taes principios phylosophicos os forçavam; tiveram que filiar-se ou nas causas physico-chimicas, ou nas psychicas. No 1.º caso origina-se o mechanicismo; no 2.º, o animismo com as suas variadas fórmulas.

As grandes descobertas e o constante progresso nas sciencias physico-chimicas maravilham os analyticos, e os phenomenos vitaes entram no dominio das mesmas leis: predomina o iatromechanismo.

O genio de Stahl reconhece no systema vivo phenomenos, com que as forças physico-chimicas se não casam muito bem, e tenta proclamar-lhes a independencia, mas fiel ainda ao dichotomismo de Descartes submette-as ao dominio das leis psychicas: cria o seu *animismo*.

O impulso dado pela phylosophia de Bacon aos tra-

balhos analyticos ia preparando a revolução. O enthusiasmo pelas experiencias alargava a sua area.

O sensualismo ergue-se orgulhoso no campo das sciencias medicas.

Glysson é o primeiro, que em resultado das suas experiencias reconhece na fibra organica uma actividade *sui generis*.

Haller prosegue no mesmo sentido, reconhece-a tambem, e chama a essa actividade *propriedade irritativa*.

As tendencias da época embarçam-lhe os passos, e nascem d'alli os elementos do *organicismo*, que voga ainda em nossos dias.

A escola de Montpellier reage em favor da unidade do systema vivo, e a linguagem de Barthes e Lordat rejuvenesce com o seu vitalismo a *natura* de Hippocrates, que durante vinte seculos tinha sido metamorphoseada e mesmo negada á mercê da phylosophia.

Leibnithz e Condillac levantam em phylosophia ainda sobre as mesmas bases o dichotomismo de Descartes e Bacon.

O organicismo e o vitalismo batem-se no campo das sciencias medicas, e a anatomia pathologica criada e julgada como braço forte do primeiro, presta armas tambem ao segundo, e a transacção faz-se deixando-nos o *organicismo* e o *vitalismo* da actualidade.

De par com estas grandes oscillações marcha tambem vacillante a therapeutica.

As primeiras necessidades do organismo enfermo dos tempos primitivos acode o empirismo. O doente é exposto á beira da estrada esperando alli a medicação do viajante versado, ou pouco consciencioso.

Hippocrates lança as bases de uma therapeutica racional.

Depois da reacção operada por Paracelso nasce a paixão pelos medicamentos. O estomago do enfermo é visitado pelos mais irracionais e indigestos preparados, onde cada especie botanica e alguns animaes teem pelo menos um representante.

As asthenias de Brown, em que a alimentação é altamente preconizada, succedem as irritações phlegmasicas do Broussais.

Activa-se o commercio das lancetas; as sanguesugas

mechem-se impacientes ao primeiro caso morbido, em que a sua applicação era já ponto de fé: o pharmaceutico, a quem as tendencias da época haviam já feito capitalista, amontoa sortimentos colossaes de antiplugisticos, e as paginas, que a materia medica lhes consagra, são as unicas lidas.

Os preceitos d'hygiene alimentar são, como a sangria, e a sanguesuga para todas as doenças os mesmos — a *fome* e a *sêde*.

O *vulneratos fame affligito* era talvez o unico ponto de hygiene, que Broussais chamava racional entre os aphorismos do Velho de Cos. A therapeutica protegida pelas crenças systematicas de taes idéas toca o requinte da barbaridade.

O pharmaceutico apoiava a seita, convencido pelo interesse; barateavam-se nos mercados os alimentos; e o organismo enfermo ia pouco e pouco devorando os seus proprios elementos, que a centena de sanguesugas e a não parca lanceta deixavam escapar ainda.

No seio de bem pouco humanitarios hospitaes e de viciadas atmosferas; sujeito a tão classica estupidez dos ronheiros serventes; condemnado á fome e á sêde pelo clinico, recebendo ainda a minguada ração da mão avara do esfomeado servente; definhados os proprios elementos já pelas sanguesugas, já pela espaçosa lanceta, que lhe faltava para ser martyr??? e o clinico, que papel representava n'estes casos??... *Parce sepultis*...

No meio de tão systematicos e barbaros tratamentos apparece Hanheman, e com os seus *infinitesimos* demonstra á evidencia as vantagens da hygiene therapeutica. Todos estes systemas tinham alguma cousa de verdade, mas perdeu-os o exclusivismo. Vejamos.

O Velho de Cos, a quem faltavam os recursos da materia medica, cria demasiado no seu *sola natura* medica-trix e nas vantagens da hygiene.

Mais tarde, o extremo abuso dos medicamentos e o mais completo abandono dos recursos da hygiene, são erros, que se não podem perdoar.

A homeopathia foi a reacção indispensavel contra os polipharmacios, operada em proveito do systema vivo quando enfermo. As idéas dos infinitesimos deslustram-lhe a

obra, que sem isso teria representado um papel mais franco. E, que vantagens colhemos de tantas tormentas?

De Hippocrates, as apreciações da força medicatrix, e os seus preceitos de hygiene, que chegam até nossos dias.

Da paixão pelos medicamentos, a riqueza da materia medica, de que hoje dispomos.

Dos trabalhos de Brown, o conhecimento das asthenias, de que o organismo póde ser affectado, ou porque lhe faltam recursos, ou porque tendo-os abusou d'elles, e o modo como podemos debellar as doenças que se desenvolvem em ambos os casos.

Dos trabalhos de Broussais e seus adeptos, os estudos e regras therapeuticas para a cura das phlegmasias, que tanto os seduziram.

De Hanheman, a simplicidade medicamentosa de par com a amenidade, e a prova das vantagens da hygiene como systema de cura nos variados casos morbidos.

O *sola natura medicatrix* do Velho de Cos — o *regularis vivendi modus debitusque, lex rerum non naturalium, usus et ordo, citius multo morbos saepe sanant, quam pharmacopolorum pulveres* — de Baglivi; os recursos da materia medica e da cirurgia são por mim tidos em igual consideração, quando convenientemente escolhidos e usados; pareceu-me porém, que a parte da hygiene, que faz objecto do meu trabalho deve merecer-me especial attenção, e por isso estudal-a-hei debaixo de dois pontos de vista fazendo primeiro algumas considerações relativas á alimentação em geral, ficando assim o meu trabalho dividido em quatro partes: 1.º *introducção*, 2.º *alimentação em geral*, 3.º *alimentação nas doenças agudas*, 4.º *alimentação dos feridos e operados*.

Pañem nostrum quotidianum da nobis hodie
satis et bonum.

Condemnado o systema vivo a constantes perdas, é evidente que fica também sujeito a constantes reparos, além das necessidades, que o seu desenvolvimento provoca até certas épocas da vida.

No grande e fertil campo dos tres reinos offerece-lhe a natureza os elementos, que precisa; mas pede-lhe uma remuneração= o trabalho.

Cahido do seio materno na posse de um certo capital, com que a natureza o dotara, avisa-o o organismo das primeiras perdas; aos gemidos, com que as denuncia, acode o peito materno prestando-lhe um serviço, que a propria natureza baseada nas leis do amor confiara dos órgãos de amamentação, de quem o gerara.

A nobre missão de mãe continúa assim: o contrario é lesar direitos em prejuizo de quem não póde questional-os.

Ao constante reparo das primeiras perdas, e do primeiro crescimento acode o leite, o alimento typo; mais tarde o apparecimento de certos órgãos avisa-nos, que é tempo de variar, e pela má escolha lançamos não pequeno numero de vezes no systema vivo bem terriveis elementos de padecimentos futuros.

Aos filhos da miseria, para quem o pão da caridade

*

constitue o unico recurso, Deus melhore a condição: aos que vivem no seio da abundancia, seja licito condemnal-os pela incuria a titulo d'amisade.

Confiado aos cuidados paterno-maternaes em os primeiros annos, é sobre elles, que pesa a responsabilidade da educação, em que o problema da quantidade e qualidade d'alimentos deve ser ponto de especial cuidado.

Privado d'esta tutoria tão indispensavel, tem o homem que lançar mão do trabalho, para se arvorar em credor da natureza, que lhe offerece em paga os seus variadissimos recursos.

Para o conveniente emprego do capital é indispensavel o conhecimento das substancias que gasta, e dos pontos onde mais e melhor se poderá sortir d'ellas.

É n'isto, que se resume o grande problema da escolha dos alimentos, que definirei—*todas as substancias, que introduzidas no tubo digestivo servem, quer elaborando-se previamente, quer incorporando-se directamente, a reparar as perdas, e contribuir para o desenvolvimento do organismo, e mais actos do systema vivo.*

D'esta definição deduzimos, que o trabalho para a indemnisação não termina, quando lançamos no tubo digestivo os materiaes, que julgamos uteis, visto que elles exigem um certo numero de operações da parte da economia, para serem por ella recebidos e utilizados.

A serie de actos, que tem por fim preparar essas substancias, tornando-as cada vez mais proprias a reparar as neccessidades do systema vivo, chama-se *digestão*.

Em todos estes actos tem ainda a economia, que soffrer perdas, e tanto maiores quanto maior fôr a resistencia, que essas substancias offerecerem á necessaria elaboração ou transformação em producto nutritivo.

D'aqui se deduz a neccessidade da escolha, para o que nos acharemos bem preparados, se na posse do capital respondermos ás questões seguintes:

1.º Quanto gasta a economia viva n'um tempo dado, e que principios gasta?

2.º Quaes d'entre as variadas substancias, que a natureza nos offerece são as mais ricas n'esses principios, e, quaes, as que exigem menos trabalho para a sua elaboração dentro do organismo?

À primeira interrogação respondem os excellentes trabalhos de diversos physiologistas dizendo-nos, que além d'outros principios, o systema vivo perde, já pelas vias de excreção, já pelas de secreção, termo medio 20 grammas de azote, e 250 a 260 de carbone, variando estas quantidades segundo a influencia do sexo, idade, estação, trabalho mais ou menos activo, peso do corpo, etc.

Visto que o azote e o carbone são os elementos, que a economia perde constantemente em tão subidas quantidades, bem claro fica, que no problema da reparação das perdas devemos ter sempre em vista a escolha de substancias, que debaixo de menor volume contenham maior quantidade de taes principios.

Respondendo á segunda interrogação faremos duas grandes classes de todas as substancias dos tres reinos:

1.^a Substancias assimilaveis.

2.^a » inassimilaveis.

Occupar-me-hei só das do 1.^o grupo, que são as unicac que dizem respeito ao meu trabalho.

Baseado nas diversas analyses dividirei as substancias organicas do 1.^o grupo em tres secções: 1.^o *substancias azotadas*; 2.^o *gorduras*; 3.^o *assucar e feculas*.

O primeiro grupo constitue, o que chamamos alimentos albuminoides, os 2.^o e 3.^o são, o que se chamam alimentos hydrocarbonados. É no reino animal, que achamos em mais abundancia os da 1.^a e 2.^a classe; e no vegetal os da 3.^a

Depois de longos debates relativos a alimentação exclusivamente animal ou vegetal, são d'accordo os physiologistas, que ao homem compete a alimentação mixta, e, que não é sem prejuizo, que usa a exclusiva de um ou outro reino.

Fazendo applicação do que até aqui temos exposto, parece-nos poder deduzir, que um alimento será tanto melhor, quanto maior fôr a quantidade de azote ou carbone, que elle contenha; não é todavia assim, que devemos fazer a escolha.

Além da riqueza em taes principios é ainda o seu grau de digestibilidade, que vem dar, ou negar-lhe a preferencia.

Chamamos *digestibilidade d'um alimento á propriedade que elle tem de ceder aos succos digestivos todos os seus principios alimenticios em menor espaço de tempo, e com menos esgotamento de forças.*

D'accordo com estes principios geraes, e estudando com attenção as tabellas comparativas das riquezas em elementos uteis, feitas á luz de numerosos trabalhos modernos, a cujas especialidades me é completamente impossivel descer n'uma dissertação, póde-se sem dúvida fazer uma acertada escolha.

Divididos os diversos alimentos d'origem organica em tres grupos, e tendo dito, que para alguns d'elles era ainda indispensavel a elaboração prévia, quando lançados no tubo digestivo, vejamos como se comportam em presença da economia, que se esforça em preparal-os e tornal-os uteis.

Laçados na cavidade bucal e sujeitos á mastigação, os alimentos são ao mesmo tempo emulsionados pelo liquido salivar, que actuando em virtude do principio activo, *ptyalina*, sobre as substancias feculentas, começa a sua transformação em assucar, e depois em dextrina, e glucoze, a fim de poderem ser dissolvidos e tornarem-se d'este modo taes, que a economia se apodere d'elles em proveito proprio.

Actuando assim sobre esta especie de alimentos, e deixando intactos os outros, presta ainda a saliva serviços de ordem physica amollecendo as substancias duras, e tornando-as por isso de mais facil mastigação para em seguida serem levadas até ao estomago, sem produzirem estragos na passagem através da pharynge e do esophago.

Chegados a esta cavidade, os alimentos de natureza albuminosa, que o liquido salivar havia respeitado, são agora atacados em presença do succo gastrico, e operada em grande parte a sua transformação em parapeptone, continuando ainda as materias feculentas a serem pouco a pouco transformadas, não por causa da presença da *pepsina*, principio activo d'este liquido, mas pela influencia da saliva, cuja actividade diminue ante os acidos, que alli encontra.

Sahem do estomago as diversas substancias, que formam o bolo alimentar, e principiada já em parte a trans-

formação das feculentas e albuminoides, encontram-se ainda, fazendo parte d'esse bolo, as gorduras, que, não tendo soffrido alteração sob a influencia dos dois liquidos *salivar e gastrico*, vem debaixo da acção da bilis soffrer a sua preparação conveniente. Este succo actuando sobre ellas, emulsiona-as ficando depois d'isto reduzidas a particulas tenuissimas, e aptas para o phenomeno da absorpção. Sobre as outras substancias não actua a bilis a não ser pelo seu poder antiseptico.

Estas tres classes de alimentos, que em presença de tres liquidos diversos principiaram uns depois dos outros a sua necessaria transformação, completam debaixo da acção do succo pancreatico ao mesmo tempo as modificações, e é só alli, que as materias albuminoides se transformam em peptone (*nutrimento*).

Sobre acção tão geral como esta, estão d'accordo em parte os physiologistas para a concederem aos succos intestinaes.

De par com estas substancias assimilaveis existem no bolo alimentar outras completamente refractarias: as primeiras são, depois de transformadas em substancia propria, mais ou menos utilizadas pela economia conforme as suas necessidades e estado das vias de recepção.

As segundas e a parte das primeiras, que, ou não pôde ser completamente preparada, ou sendo-o não foi recebida pelo organismo, são expulsas e constituem a maior parte das materias excrementicias.

Relativamente ás bebidas, de que o homem faz uso, e, que dividirei em 6 classes: *agua, bebidas aromaticas, bebidas alcoolicas, bebidas acidas, bebidas amargas, e bebidas adstringentes*, attenta a especie d'este trabalho, não me é possivel dizer cousa alguma, para o que seriam indispensaveis muitas paginas e tempo; direi apenas, que ao dito de um grande clinico, que se exprimiu relativamente ao valor da dieta e da agua do modo seguinte:—*Je laisse après moi deux grands médecins—la dieta e agua*—tenho a accrescentar e o *vinho*.

Quanto á agua, que pelos seus numerosos serviços therapeuticos tem nos ultimos tempos seduzido alguns clinicos a ponto de vêrem n'ella o medicamento geral, merece hoje as honras d'alimento; tantos e tão valiosos são

os serviços que se tem reconhecido, que ella presta ao systema vivo; e se não fosse considerada como fazendo parte do *panem nostrum quotidianum*... devia acerescentar-se á oração popular *aquamque puram*.

É o vehiculo geral, elemento indispensavel a uma grande somma d'actos da economia, e entra na constituição do organismo na razão de $\frac{3}{4}$.

Aos hyderotropistas deixo a apologia, moderando-lhe o exclusivismo e a paixão.

As perdas constantes d'este alimento, que o organismo soffre, mostram qual a necessidade de lh'o fornecermos sem descuido.

O homem tira as substancias da sua alimentação dos tres reinos: *animal*, *vegetal*, e *mineral*.

A alimentação exclusivamente mineral é impossivel; resta-nos examinar os effeitos da alimentação exclusiva—*animal* ou *vegetal*.

Interrogada a physiologia sobre a questão do regimen exclusivamente *animal* ou *vegetal* responde ella, que tanto no primeiro, como no segundo, não é sem prejuizo, que se aguenta esta alimentação, embora apparentemente o não pareça.

Dizendo-nos a physiologia, que o organismo está constantemente a empregar no seu augmento e na reparação de suas perdas uma certa quantidade de azote, e notando por outro lado, que no organismo ha combustões, em que a presença dos hydrocarbonados é ponto de urgencia, bem pouco raciocinio basta para nos convencermos, de que nos alimentamos mal, quando não fornecemos ao systema vivo substancias, onde estas duas especies de elementos existam em quantidade sufficiente.

A pathogenia fornece tambem provas n'este sentido, e infelizmente não em pequena quantidade.

Provado, que todos os actos do systema vivo promovem perdas, é bem claro, que tanto mais elle funcione, tanto mais teremos que alimentar-o, para lhe fornecermos os elementos de reparação e conservação.

Assim o homem dado ao ocio necessita, e é mesmo conveniente, o usar d'uma alimentação muito menos reparadora, que o homem dado ao trabalho.

Esta questão das rações prende ainda com muitas

outras circumstancias, taes como o sexo, o temperamento, a idade, estação, etc.

Devemos tambem na questão d'alimentação ter sempre em vista, que a maior parte das substancias alimenticias necessitam, como vinhos, de soffrer a acção prévia dos succos digestivos, e, que se lançarmos no apparelho da digestão substancias de mais e em tal quantidade, que os liquidos se tornem insufficientes a operar n'ellas as convenientes e indispensaveis transformações, ellas não se utilizarão em reparar as perdas da economia, e produzirão, obrigando a economia a grande trabalho, o effeito contrario, ao que se devia operar, isto é, o esgotamento do individuo em vez da reparação de suas perdas. É sem duvida por este motivo, que a igreja condemnou a gula, podendo n'este caso dizer-se, que o individuo que come muito, pouco lucra ou ainda perde.

CONDIMENTOS

Denominam-se condimentos as substancias de composição muito variada e natureza muito differente, que servem já para dar gosto aos alimentos mais ou menos insípidos, já para estimular os órgãos digestivos activando-lhes as funcções.

Quanto o seu uso moderado é conveniente, tanto o seu abuso se torna notavelmente prejudicial, e é este sem dúvida um dos maiores erros da sociedade actual, e principalmente nos grandes centros onde o conhecimento da especie d'alimento, que nos apresentam, é um verdadeiro enigma. O paladar é o unico guia do culinario, que busca na mais sortida drogaria os condimentos mais irracionaes e nocivos, só com o fim de colher os applausos de seus amos, e fazer-se credor de boas soldadas.

É uma excellente fonte de receita clinica... *tace...*

Optimum medicamentum est victus.

Tendo-se provado que a economia soffre perdas constantes, e, que o prompto reparo d'ellas é de urgente necessidade no estado physiologico, passar-se-ha agora a tratar uma das questões de mais utilidade para a therapeutica:— a questão d'alimentação, que limitarei ás doenças agudas e aos operados e feridos.

Esta parte da therapeutica, tão preconizada pelo Velho de Cos nos primeiros annos das sciencias medicas, foi sempre mais ou menos respeitada até os nossos dias por clinicos de consideração, taes como A. Pare, Sydenham, Baglivi, Ribes, Bouchardat, Trousseau, Graves, Fousagrives e outros; e foi lançada no mais completo desprezo pelas theorias de Broussais.

Todas as regras se resumiam na barbara indicação da mais completa abstinencia.

Se algumas vezes a mão da caridade se condoia dos horribes flagellos da economia enferma, que a doença poupava, e a inanição á ordem do clinico encarcerava de vez no tumulto, os estragos causados pelos alimentos assim dados sem regra de quantidade nem qualidade, eram quasi sempre de bem fataes resultados.

Estes casos de que algumas vezes era accusado o systematico discipulo de Broussais, davam causa a não appeteciveis reprehensões, que não poucas vezes levaram aos

pés do confessor aquelle que se tinha condoido do misero enfermo, a pedir o perdão de tal culpa; e o clero, que olhava o jejum como a porta do céu, e não como um conselho hygienico, que a igreja nos deu, que penitencia lhe ordenava!... *Parce illis...*

E, cousa notavel! era da classe medica que assim impunha a mais irracional abstinencia aos doentes, que partiam na mesma época os mais finos epigrammas contra o muitas vezes hygienico jejum, aconselhado pelos padres.

Seria a questão devida a lesão de interesses? Talvez... Depois dos excellentes trabalhos de Chossat e Bouchardat sobre os terriveis effeitos da alimentação insufficiente, e da reacção operada, não só pelos clinicos moderados, mas tambem pelos homœopathas, principiaram os clinicos a reconhecer que a alimentação nas doenças era um ponto importantissimo da therapeutica.

Parce de primeira intuição, que tendo o systema vivo de lutar com os estragos causados pela doença e de reparar as suas constantes perdas, é de urgente necessidade, que se lhe forneçam alimentos em quantidade tal, que bastem pelo menos ás suas primeiras urgencias.

Escute-se o que a natureza nos diz a este respeito: principiemos pelas doenças agudas.

Desde que uma doença aguda invade a organização, um dos symptomas, que raras vezes falta nos primeiros tempos, é não só a falta d'appetite, mas, ainda mais, a repugnancia para os alimentos, sendo muito pronunciado o constante desejo, que o doente accusa pelas bebidas, especialmente a agua pura e fresca.

A esta falta de appetite e repugnancia succede um periodo, durante o qual o doente, sem accusar repugnancia, não revela ainda necessidade de reparação, quando o consultamos sobre este ponto. Se lhe subministramos bebidas mais ou menos nutrientes, pouco as saborêa e por vezes as aborrece.

Os symptomas da doença principiam a inspirar confiança: á cabeceira do doente a natureza repetirá os avisos; a lingua onde o estado das vias digestivas vem retratar-se aos olhos do clinico, apparece-nos com melhor aspecto, desembaraçada já da capa saburrosa com que se cobrira no primeiro e segundo periodo. O doente lembra-

nos, *que se lhe não fizesse mal, appetecia alguma coisa de comer, porque se sente fraco*; phrase technica de taes casos.

Consulta-se o pulso e acha-se bem menos frequente e mais regular; o thermometro nas doencas febris indica pela diminuição nos graus de temperatura, que a intensidade de tal symptoma vai diminuindo. É chegado o terceiro periodo e por conseguinte o terceiro tempo de mudar a forma, a quantidade e a qualidade d'alimentação.

D'accordo com estes sabios conselhos, que a natureza dá, vejamos, se vão coherentes os conhecimentos, que temos de physiologia e pathologia.

Lançados os alimentos no tubo digestivo, o systema vivo, tendo que presidir á sua necessaria elaboração, não póde por certo repartir a sua actividade entre o trabalho pathologico e o physiologico. Por outro lado nota-se, que, diminuindo a ração a qualquer sêr vivo, todas as suas funcções enfraquecem, e tanto mais quanto mais longo fôr o praso porque o fizermos, ou maior a diminuição na quantidade.

A unica das funcções, que vem contrariar a regra, é a absorpção; similhante ao servente, que vê seu patrão cahido na miseria e o estomago em perigo, activa-se mais a fim de tirar do proprio organismo os elementos, que lança na corrente circulatoria para acudir d'este modo ás necessidades primarias e de mais subida importancia. O sangue, em que os principios nutritivos escasseam com a falta de albumina e fibrina principalmente, torna-se cada vez mais abundante em parte aquosa, e por conseguinte menos apto á formação de congestões e exsudatos, que a absorpção intersticial diminue consideravelmente por seu lado, obstando assim ás inflammaciones, ou pelo menos melhorando-as notavelmente.

O systema vivo economista, por excellencia, avisado das privações, a que se vê condemnado, trata de diminuir as despezas em todos os sentidos. As secreções, e principalmente as que tinham por fim preparar os liquidos tendentes á elaboração dos alimentos lançados no tubo digestivo, cessam quasi completamente, e se o praso da privação se prolonga, os proprios órgãos destinados a taes funcções são os que mais cedo, e em maior cópia, ficam condemnados ao autophagismo. Que excellente lição para

os nossos economistas, e, que sorte para os entes nullos da sociedade: os *parasitas*... Se a diminuição na quantidade dos alimentos produz no estado physiologico o enfraquecimento na actividade das funcções, claro parece, que no estado pathologico, em que certo numero se executam com energia anormal, aquella se tornará menor, quando se sujeitar o doente a uma ração pouco reparadora, e pouco abundante.

Escutemos o que nos diz a physiologia pathologica a tal respeito.

Quando pomos um doente affectado de molestia aguda no uso d'uma pequena quantidade d'alimentos, nota-se, que os actos morbidos, á similhança do que se passa no estado physiologico em identicas circumstancias, diminuem sensivelmente na sua actividade, o que se revela pelas melhoras dos symptomas.

A irritação, a perturbação geral e local, a reacção febril perdem em parte a sua exaltação, e o systema vivo supporta mais facilmente os effeitos do trabalho morbido. Os affluxos sanguineos diminuem, e as congestões fazem-se em menor grau, attenta a grande fluidez do sangue; as inflammções tornam-se menos violentas, e o seu campo limita-se, visto que lhe escasseiam os elementos.

Attentas estas vantagens, que a dieta mais ou menos severa nos presta no tratamento das doenças agudas, parece poder-se concluir, que chegando junto de um doente affectado de molestia aguda, devemos ter como ponto de fê, que a abstinencia é um dos principaes meios de cura. Não é, porém, tão facil e simples a questão. O estado geral do individuo, a natureza da doença, a sua séde e duração, a idade, o sexo, o temperamento, a medicação, que temos de usar, os habitos do doente e mesmo os seus vicios, são ainda outros tantos factos a que teremos de attender.

Com relação ao primeiro ponto diremos, que tendo de tratar um individuo affectado de doença aguda, e vendo que o seu organismo se acha falto de recursos, fraco e depauperado, é de urgente necessidade, que o alimentemos mesmo nos periodos da maior exacerbação do seu padecimento, diminuindo apenas a ração, que lhe estabeleceramos nos momentos de maior aggravação.

São muito importantes, e de nenhum modo despicien-

dos os serviços que o thermometro nos presta, mostrando até certo ponto, nas doenças febris, as variantes que a alimentação causa.

Com relação ao segundo ponto diremos, que se tivermos uma doença cujo quadro symptomatologico seja de pequeno apparatus, e a doença de natureza benigna, podemos alimentar o doente sem grave inconveniente; se a doença fôr de natureza e tendencias para adynamia, ou mesmo de natureza a depauperar o organismo, é de toda a conveniencia que lhe forneçamos alimentos, attenta sempre a fórma e qualidade mais conveniente.

Terceiro, se tivermos uma doença, que por exemplo, tenha sua séde no estomago, já se vê, que não devemos lançar-lhe alimentos irritantes nem debaixo da fórma solida, o que iria aggravar o padecimento. N'este caso ainda mais o uso de substancias de natureza albuminoide é algumas vezes contra-indicado, visto que é alli, que ellas soffrem em grande parte a sua modificação necessaria, o que não poderá succeder se tal liquido estiver alterado. Prestar-nos-hão grandes serviços os clysteres alimentares. Se a séde da doença fôr n'um orgão importante, nos olhos por exemplo, e de natureza inflammatoria, é de toda a conveniencia appellarmos para a dieta severa com o fim de limitar-lhe os progressos, que podem comprometter uma funcção tão importante como esta. O mesmo se fará quando a séde da doença fôr nas proximidades de taes orgãos.

Quarto, o capital de recursos e a duração da doença são dois pontos, que o clinico nunca deve perder de vista. Embora o doente seja mais ou menos robusto, de pouco lhe servirá isto se elle tiver de lutar com doença de longa duração. É por isso, que o clinico comparando estes dois elementos deve prescrever ao doente uma alimentação d'accordo com o que deduzir.

Quinto, a idade, o sexo e o temperamento são tambem pontos, que todo o clinico deve respeitar, e saber guiar-se em presença d'elles, já pelos conhecimentos da physiologia, já pelos da pathologia de taes estados. Uma criança, por exemplo, não supporta tão longa privação como um adulto; n'um velho as doenças tendem mais para a fórma chronica e por isso é conveniente dar recursos á

economia para se desembaraçar d'ella, e assim muitos outros casos.

Sexto, se nós tivermos de dar ao doente uma medicação tónica podemos diminuir-lhe a razão; se pelo contrario tivermos que fazer uso de medicações, que por sua acção forcem o organismo a grandes perdas, como por exemplo os drasticos, ou opérem n'elle transformações taes, que o predisponham a cachexias, como os mercuriaes, devemos fornecer-lhe alimentos em maior quantidade e mais ricos em propriedades nutritivas.

Setimo, é tambem um dos pontos que deve merecer-nos especial attenção o *modus alibendi*, que tanto influe na terminação favoravel de qualquer caso morbido notando, que é de summa conveniencia, que regulemos quanto possivel a alimentação pelos hábitos do doente antes do padecimento, que está soffrendo. É de harmonia com estas idéas, que em Inglaterra tantas vantagens se tem tirado da concessão feita aos feridos e operados, por este ser o seu habito, para usar nas suas dietas d'uma razão d'aguardente.

Respeitadas todas estas, e mais ainda algumas condições, supponhamos o caso de um homem de boa constituição, robusto e bem alimentado, que se nos apresenta de improviso e affectado por uma doença aguda, onde a reacção do organismo é bastante violenta, e que interrogado declarou não ter appetite, sentir repugnancia para os alimentos que se lhe apresentam, a lingua conspurcada, o pulso frequente, cheio e forte, e elevado o grau de temperatura; a doença de curta duração não nos deixa receiar, que ao organismo falem recursos para a luta; é o caso de collocarmos o doente sob a influencia d'uma alimentação pouco nutritiva, principalmente nos primeiros dias da maior intensidade do soffrimento.

Assim ordenaremos ao doente o uso d'alimentos de baixo da fórmula liquida, e taes, que o organismo não tenha de gastar muito com a sua prévia elaboração. Os caldos preparados com gallinha ou vacca e mesmo outras especies de mamiferos ou aves, cujo uso não seja contra-indicado. Póde muitas vezes haver contra-indicação para os caldos preparados com substancias animaes ou mesmo o doente enjoar. N'este caso podemos ordenar-lhe o uso

de caldos preparados de modo que n'elles entrem em maior quantidade os elementos vegetaes e que tão preconizados eram pelo Velho de Cos. O mesmo, que digo com relação aos primeiros, póde também applicar-se aos segundos.

Estes caldos podem ser dados em maior ou menor quantidade, e mais ou menos ricos em principios alimenticios. Se o doente tem repugnancia e lhe custa tomar-os n'esse caso dar-lh'os-hemos em menor numero de vezes; mas bem carregados de principios alimentares, escolhendo as carnes mais nutritivas para os preparar. Se pelo contrario o doente accusa sêde e toma os caldos sem custo, ordenaremos que lhe diminuam á porção das substancias, que servem para os preparar, seguindo além d'isto as regras culinarias, que o clinico precisa até certo ponto conhecer para ser racional na indicação. Assim com os caldos pouco nutrientes, e, que por isso podemos dar em maior numero, obstoremos á sêde, que para o doente é sempre de terrivel soffrimento quando não combatida.

O thermometro nas doenças febris é d'uma importancia capital, e o clinico deve consultal-o constantemente observando d'este modo a influencia que a alimentação teve sobre a exacerbação, ou acalmação febril, e assim saber se póde augmentar ou tem que diminuir á ração, tendo também cuidado em consultar o resto do quadro symptomatologico e resolver depois.

Mais tarde informa-nos o doente que recebe os alimentos, sem que lhe ache sabor, mas que já a presença d'elles lhe não causa nauseas, e a par com isto achamos a lingua menos conspurcada, o pulso mais regular, a temperatura mais baixa, e o resto dos symptomas melhorados. É chegado o tempo de principiar a conceder-lhe o uso de caldos bem ricos em principios alimentares, para o que recommendaremos os preparados com a parte muscular, evitando sempre as gorduras que se tornam incommodas e bastante rebeldes na sua elaboração. Devemos também conceder que juntem aos caldos algumas sôpas, poucas e muito bem amollecidas e divididas, podendo em lugar d'isto ser os caldos feitos com pequena porção de cevadinha. O doente póde também principiar a usar como alimento a gallinha cozida ou a vacca, mas em pequena quantidade a fim de não estimular demasiado os órgãos digestivos,

que devem estranhar-lhe a presença, e termos além de todas as graves censuras dos ascorosos zoilos, *comadres*, *pharmacio-charlatães*, *vigario-charlatães*, e outros referidos infelizmente aos milhões por todos os cantos e esquinas, de lutar com os desarranjos causados pela indigestão.

Passados mais alguns dias o doente principia a indicar-nos tal ou tal alimento que mais lhe appetece.

É conveniente que, a não haver contra-indicação, lhe concedamos uma pequena quantidade para assim o irmos preparando successivamente á administração da ração normal.

N'este momento é chegada a occasião de principirmos a ser mais liberaes na ração, procurando sempre os alimentos de maior *digestibilidade*, e preparados de forma simples, e que os não torne nocivos pelo menos no caso presente. Principiaremos a conceder-lhe além da galinha cosida, o frango ou gallinha assada, e ao mesmo tempo outras carnes do mesmo modo preparadas, evitando sempre os anti-hygienicos molhos, as indigestas gorduras, bem como os variados condimentos, notando, que muitas vezes elles são de grande vantagem, principalmente para as pessoas que teem o apparelho digestivo acostumado a funcionar estimulado por estes elementos.

As pessoas que teem o habito só, ou mesmo o vicio de beber vinhos ou outras bebidas, é de summa conveniencia ministrar-lh'os para que a economia se não resinta.

Uma das bebidas, que a não haver contra-indicação é de muita conveniencia, são as limonadas feitas com vinho, agua e assucar, variando a quantidade e qualidade do vinho conforme as indicações a preencher, e a gravidade dos symptomas.

A agua pura deve ser concedida principalmente nas doenças febris, regulando a temperatura pelas diversas indicações especiaes, e ordenando sempre, que seja de cada vez fornecida pequena quantidade.

O uso da agua fresca nas doenças febris é, além de conveniente e muito util, de muito prazer para o doente, que se sente devorado pelos ardores da febre, repetirei: *parce sepultis...*

Os diversos decoctos, que com muita facilidade se alteram, a mesma agua com assucar não são muito uteis,

ou mais, são mesmo nocivos e indigestos e tem como resultado quasi sempre augmentar a anoréxia.

É este ainda um dos pontos em que os *Polypharmacios* peccaram. Quem se não lembra de vêr um Protomedicato a inscrever dez, doze e mais preconizados vegetaes para cada cosimento com o fim de *calmar o sangue*, e ao mesmo tempo aconselhar-lhe uma dieta severa com o fim de deixar o corpo socegado? Isto, que estas machinas medicas faziam em tanto extremo era bem pouco menos do que as ordens dos homens de sciencia dominados pela seita. Privavam os doentes dos alimentos, mirrando-os á fome e á sêde, muitas vezes com o unico fim de não produzir desarranjos digestivos, e não duvidavam metter-lhe assim no estomago tão nocivos e indigestos preparados. Os vegetaes diminuiam nos prados, e era talvez com este fim, que assim o faziam para melhorar a vegetação dos uteis á alimentação... demos-lhe por isso desculpa.

O simples facto de se achar abatido o doente, nem sempre indica o uso de alimentos abundantes, que provocando muitas vezes vomitos, mais abalam e cansam o organismo do que o nutrem; isto que umas vezes é devido á já pouco familiar impressão que recebe com a presença de substancias, que ha muito tempo o não visitavam, ou á falta na qualidade ou quantidade dos succos digestivos em relação á quantidade ou qualidade d'alimentos, e outras vezes ainda á condição muito variada, deve merecer ao clinico especial e cuidadosa attenção.

N'estes casos devemos variar o mais possivel a escolha a vêr se de algum modo achamos o alimento que mais convenha, e a fôrma sob a qual o organismo o recebe melhor, principiando em todos os casos por pequenas porções successivamente crescentes a fim de acostumar as vias digestivas a receber e elaborar principios nutritivos, que pelo facto de longa privação obram sobre ellas como substancias indigestas. *Viciosa tendencia do organismo para o ocio...*

Nem sempre o facto de o doente não accusar appetite é contra-indicação para o uso dos alimentos, e é em muitos d'estes casos mesmo preciso estimular o aparelho digestivo, que, por assim dizer, se acha entorpecido.

Devemos estar igualmente prevenidos de que, nas primeiras vezes que o doente come, apparece quasi sempre uma excitação febril; não é ella porém de cuidado, e em breve se dissipa ao terminar a digestão.

É conveniente que nos primeiros tempos o doente descanse depois de terminar a sua alimentação.

Um conselho que não deve também despresar-se, é o ter o maior cuidado em satisfazer em todos os momentos da doença os desejos do doente ainda os mais extravagantes, a não ser que haja contra-indicação formal. Conhecedores como devemos ser da influencia benefica ou malefica, que a parte moral tem sobre a organica, e sabendo que mesmo no estado de saude um appetite, principalmente nas pessoas de temperamento nervoso, é capaz de produzir incommodos bem notaveis, devemos suppor, o que succederá no estado pathologico!!...

A maior parte das vezes os doentes, que tanto desejam qualquer substancia, apenas a provam já a aborrecem, e nós calmamos-lhe o appetite sem inconveniente.

Os conselhos, que dei relativamente á preparação dos caldos, esquecia-me dizel-o, não são applicaveis nos hospitaes onde a recommendação deve ser sempre que elles abundem em principios alimenticios, ficando o resto por conta do cosinheiro e seus ajudantes, enfermeiros e seus ajudantes e não sei se mais alguem.

Se na clinica de hospitaes se fizesse a recommendação de caldos *pouco nutritivos*, e no dia seguinte urgisse baptisar uma criança podia á falta de agua servir a dos caldos, sem que fossem em nada lesados os preceitos e ordens da religião christã a tal respeito.

Entrem nos hospitaes e provem os caldos, não na cozinha mas á cabeceira do doente, e serão d'accordo.

Vulneratos fame affligito.

Era este o aphorismo de Hippocrates, quando se referia á dieta, que mais convinha aos feridos e operados: Celso torna-se um pouco mais condescendente e graduou a quantidade d'alimentos em relação com as forças do doente, chegando não pequeno numero de vezes a dar vinho, e dizendo, que no caso de hemorragias abundantes elle presta grandes serviços.

Galeno fiel aos principios de Hippocrates n'este ponto, recusa dar aos feridos e operados alimento algum, Rhazes, A. Pare, que no seculo XVI teve as honras de primeiro cirurgião, e outros, seguem as mesmas idéas.

Apesar da grande auctoridade, que o principio *Vulneratos fame affligito*, gosava attenta a sua illustre paternidade nem por isso em differentes épocas deixaram de apparecer reacções contra elle.

No seculo XIII, Theodorico manda que os seus feridos e operados usem uma dieta reparadora, juntando-lhe o vinho. Taes idéas mereceram a censura de Gui de Chau-liac. Este não podia consentir, que os preceitos de Galeno fossem assim despresados.

No seculo XVII, Fabricio Aquapendente quer e ordena, que os seus doentes, feridos e operados, sejam alimentados de um modo reparador, e concorda com Celso, graduando a quantidade da alimentação tambem pelo estado

das forças. Recommenda as bebidas simples ou ferreas, e que os alimentos sejam dados ao doente quando frios; ponto este, em que se oppõe aos conselhos de Theodorico, e é pouco concorde com Marianus Sanctus na recommendação das bebidas, visto que julga o uso da agua simples excessivamente nocivo em taes casos.

No seculo actual, Trecourt, quando nas suas memorias e observações de cirurgia trata do regimen dos operados e feridos, recommenda o respeito para com os habitos do doente, que segundo os trabalhos modernos o tem mostrado, é uma das condições, que mais influe no bom resultado de taes casos, quando convenientemente respeitada.

Além d'isto recommenda tambem, que os avisos da natureza revelados pelo appetite devem merecer especial attenção e cita o aphorismo de Hippocrates — *Paulo deterior, et potus et cibus, jucundior autem eligendus, quam meliores quidem, sed ingratiore*.

Saucerotte e Didelot são das mesmas idéas, e condescendentes a tal ponto para com os habitos do doente, que aconselham até o uso de alimentos contra-indicados quando o doente a elles estivesse acostumado.

Lisfranc, cujas theorias são pouco affeições ao uso de alimentos, principalmente nos primeiros tres dias demonstra o contrario pela sua pratica, asseverando que se se privar o doente de toda a alimentação, tem elle que sustentar as forças com os seus proprios elementos, e fica d'este modo muito sujeito, além de a muitos outros inconvenientes, ás infecções purulentas.

Trousseau, o grande clinico, vai mais longe que todos, e nos seus conselhos relativos a alimentação de operados, na tracheotomia feita ás crianças com croup, não só ordena que os seus doentes sejam largamente alimentados, mas manda até, que recusando as crianças o tomar alimentos sejam a isso obrigadas. A sua auctoridade, e felizes resultados clinicos, convidam a seguir-lhe os passos.

Velpcau aconselha a alimentação mais ou menos abundante conforme a maior ou menor gravidade da operação. Assim se a operação é de pequena importancia, quasi nem priva o operado da ração costumada; no caso porém que a operação seja de gravidade, ordena o uso de caldos nos

primeiros 3 dias, e, em seguida, se não apparecer febre concede o uso de carnes brancas, ovos, peixe frito, pão, vinho, etc. Olha tambem com respeitosa attenção para os habitos do doente.

Montfalcon diz, que um regimen severo é de absoluta necessidade nos primeiros dias de grandes operações; mas concorda em que uma dieta muito severa tem serios inconvenientes, sendo n'isto fiel ás idéas de Hippocrates que no aphorismo 13 da secção 1.^a diz: *tenuis et esquisitus victus periculosus magis, quam paulo plenior.*

Malgaigine referindo-se a estatisticas mortuarias comparativas entre feridos e operados, francezes, prussianos, austriacos e russos, notou grandes vantagens a favor dos que mais se alimentavam.

Soldados francezes.....	1 sobre	7,39
» prussianos.....	1 »	9,20
» austriacos	1 »	11,81
» russos	1 »	26,93

Por esta estatistica prova-se, que os soldados russos, sendo os mais ricamente alimentados eram os que menos morriam, e assim successivamente até aos francezes que por os menos alimentados eram os mais lesados.

Sedillot é de opinião, que a alimentação do doente operado deve variar ante uma infinidade de condições, taes como o temperamento, a idade, o sexo, o estado geral e a gravidade da operação.

Vidal de Cassis confessa, que em França a demasiada severidade na dieta empregada nos casos de ferimentos ou operações, predispõe para as infecções purulentas, e que os inglezes devem sem duvida á sua condescendencia na alimentação, as vantagens notadas nos resultados favoraveis, com que suplantam os francezes.

Nelaton segue as mesmas idéas e opiniões.

Verneuil, no seu artigo, relativo ao regimen dos operados, insiste sobre dois pontos: a preparação do doente para a operação, e o seu regimen depois d'ella. Diz que a dieta severa, as sangrias, os purgantes, e outros agentes, que tenham como resultado debilitar o doente, concorrem poderosamente para as funestas pyohemias, para

as reacções nervosas intensas, e o deixam sem defeza contra todas as influencias noso-comiaes.

M. Braün aconsella antes da operação uma ração abundante não esquecendo o vinho. No dia seguinte á operação ordena a seguinte dieta: 4 onças de vinho do Porto, 1 litro de caldo, e dois ovos. No segundo dia, 8 onças da mesma qualidade de vinho, litro e meio de caldo, carne 300 grammas.

Com relação aos resultados obtidos diz elle, que olha o opio, o vinho e o regimen generoso como a verdadeira ancora, e é a isto, que Becker Brown deve os felizes resultados obtidos em 75 das operações de rupturas do perineo.

Vulneratos fame affligito. Este principio fundamental da hygiene alimentar dos feridos e operados que Hippocrates dictava, foi quasi universalmente respeitado até ao seculo xvii.

As opposições feitas no seculo xiii por Theodorico, no seculo xvi por Marianus Sanctus, mostrando que o uso d'uma alimentação moderada, era summamente vantajoso em taes doenças, ficou sem effeito em presença das arreigadas crenças do velho preceito.

Fabricio Aguapendente avança mais um pouco, e ordena o uso da alimentação, regulada pelas forças da economia.

No seculo xviii, Saucerotte e Didclot, acceitam as mesmas idéas, mas reúnem-lhes o preceito do cuidado para com os habitos do doente.

Velpeau, Malgaigne, Langier, Sedillot, Gosselin, no seculo em que vivemos não duvidam ordenar o uso do vinho e caldos substanciaes no dia seguinte ao da operação.

P. Boyer, insiste no mesmo sentido, e diz, que a sua pratica fôra coroadada de mil felizes resultados.

V. Bodereau na sua these de 1859, faz numerosos elogios a P. Boyer, de quem cita alguns trabalhos, e diz, que os feridos e operados, podem sem inconveniente e de-vem com vantagem ser bem alimentados.

A alimentação dos operados a cuja historia venho de passar revista, é sem duvida um dos problemas, que mais deve prender a attenção do clinico. Passaram já felizmente para esta classe de doenças as idéas do Velho de Cos, e

hoje são quasi unanimes os clinicos em conceder aos operados uma alimentação reparadora e fortificante.

Depois d'uma operação ou uma ferida, em que o doente perdendo grande porção de sangue, ou soffrendo grande abalo nervoso, se acha consideravelmente abatido, se lhe não fornecermos os elementos de reparação, com que recursos se ha de rehabilitar? Tem decerto, que soffrer os terribes effeitos d'uma alimentação insufficiente. A cicatrisação far-se-ha lentamente, os botões carnosos tornar-se-hão pallidos, e acanhados no seu desenvolvimento, a ferida apresentará um aspecto de pouca vitalidade, exigindo amiudadas vezes a estimulação da superficie.

Se por exemplo tivermos um caso de fractura e collocarmos o doente debaixo da influencia d'uma dieta severa, a consolidação far-se-ha esperar por longo praso ou nem mesmo se faz.

Consultando os trabalhos de Treccourt sobre esta especie de lesões thraumaticas, diz-nos elle, que quanto mais rigorosa era a dieta, tanto mais tempo gastava em formar-se o callo, e que em muitos casos quando o doente tinha estado por muito tempo sujeito a tão parca alimentação, o callo não se formava, e, que sendo elle mais tarde consultado, e aconselhando uma alimentação reparadora, colhera excellentes resultados, observando a formação do callo com muita rapidez.

A isto, que a experiencia provou a Treccourt, vejamos se se juntam os conselhos da sciencia. O sangue é o conjuncto de elementos, que vai no grande mercado das arterias sortir os órgãos e alimentar-lhes a vida: volta depois trigueiro da jornada e carregado de substancias já inuteis, que os órgãos lhe entregaram para lhes dar o conveniente destino. Os rins prestam n'este sentido importantissimos serviços. Chegado o sangue aos órgãos pulmonares e activada de novo a sua vitalidade, elle segue outra vez a jornada, mas agora de côr rutilante e viva. N'este constante giro diz-nos a physiologia, que elle perde constantemente os seus elementos assimilaveis, e, que tal perda é compensada pelos principios constantemente elaborados pelas funcções digestivas e alli trazidos, já pelas véas, já pelos chiferos.

Se não lançarmos no tubo digestivo alimentos, que

acontecerá ao sangue quanto a principios assimilaveis? Bem clara é a resposta: perdel-os-ha em breve e todos os orgãos terão que soffrer. Como se poderá formar o callo, se cicatrizar a ferida, se o sangue que tem de fornecer os elementos para estes trabalhos os não tem. E, que inconvenientes haveria em alimentar o doente com ração sufficientemente reparadora, quando o doente a recebe bem, tendo os seus orgãos digestivos bem preparados? Ou as contra-indicações partem da presença dos alimentos no tubo digestivo, ou da presença dos principios nutritivos, que elles cedem ao sangue, dando-lhe as boas condições de nutrir.

Analysemos rapidamente os dois casos.

A presença dos alimentos no tubo digestivo, passado o momento do abalo produzido pela operação, e chegada a occasião de elle os consentir, tem como resultado a serie de phenomenos physiologicos costumada. Temem o effeito de desarranjos de digestão? escolham alimentos d'um elevado grau de digestibilidade e dêem-lhe uma forma o mais propria possível, e, que irá variando conforme o organismo fôr socegando. Principiem pelos caldos e depois avancem conforme a gravidade dos symptomas; mas não deixem que o sangue se empobreça a ponto de não poder fornecer os elementos necessarios ao trabalho de reparação.

Na segunda supposição, a presença de mais elementos nutritivos além de augmentar-lhe a vitalidade tornal-o-hia mais denso e rico em principios solidos e por isso mais proprio á formação de congestões, e aggravação dos estados phlegmaticos, a que já nos referimos com relação ás doenças agudas. A cuidadosa observação do estado local servir-nos-ha de guia nos primeiros tempos, depois, quando o receio de taes complicações passar e o tempo de fornecer uma alimentação reparadora, que tornando o sangue rico terá como resultado apressar a marcha para uma cicatrização rapida para o que abundam os elementos. Os caldos, as carnes assadas e o vinho devem formar a ração do doente poucos dias depois da operação, ou no mesmo dia ou no dia seguinte se ella fôr de pequena monta. Estes principios geraes tem numerosas excepções e algumas eu mesmo as apontarei.

Muitos tem-se aterrado com o receio da febre thrau-

matica, que suppõem mesmo companhia constante de todos os thraumatismos; no que peccam. Mais ao diante fallarei d'esta complicação relativamente á sua frequencia, e com relação ás regras dieteticas a seguir direi que são as mesmas que nas doenças agudas.

Diminuida a razão dissemos, que a physiologia provava que todos os actos do systema vivo diminuiam de intensidade menos a funcção da absorpção, que mais se mais se activava praticando em larga escala o autophagismo, e dizem-nos os conhecimentos de pathologia, que isto nos predispõe ao terrivel e quasi sempre mortal flagello—a infecção purulenta.

O systema vivo, ávido de recursos não porá duvida em lançar mão dos mesmos elementos, que acha á superficie da ferida para os utilizar como nutrientes, ao passo que se nós lh'os subministrarmos, evital-o-hemos.

Além d'isto a dieta muito severa e longa tem os inconvenientes de produzir a inanición, este elemento ardiloso, que, mascarado com bem pequenos padecimentos, leva o doente á sepultura deixando-lhes a culpa. E o clinico a quem elle passou desapercibido ou o conheceu tarde, que lhe resta? *o mea culpa, mea maxima culpa...*

É nossa firme convicção, que o systema de Broussais assim levou grande numero de doentes aos ares do tumulo, que hoje no interior de nossos hospitaes, onde pela maior parte a hygiene é letra morta, acontece o mesmo. As theorias de Broussais tinham o seu quê de communistas. Broussais igualava o pobre e o rico, o nobre e o plebeu quando doentes. Um era condemnado á fome e á sede porque, se tinha dinheiro, tinha tambem medico, que o forçava ao cumprimento de suas indicações; o pobre esse tinha a fome e a sede porque as condições da miseria o forçavam.

Dissemos que um dos motivos que levava um certo numero de clinicos a não dar alimentos aos operados e feridos, era o receio da febre thraumatica, sendo ponto de fé para elles que ella sobrevinha em todos os casos.

Não é porém assim.

Os homens, que assim pensam, confundem a febre thraumatica com o ligeiro movimento febril, que costuma acompanhar todos estes padecimentos quando teem certa

gravidade, mas que não passa d'uma excitação nervosa. Esta complicação, que pondo o doente no uso d'uma dieta severa se torna mais pertinaz e grave, desaparece ao contrario rapidamente debaixo da influencia d'uma alimentação reparadora.

Confessamos e concordamos, que quando a febre thraumatica se manifesta, o que costuma acontecer quasi sempre tres ou quatro dias depois do ferimento ou operação, é de urgencia mesmo o diminuirmos a ração com o fim que já fica dito com relação ás doenças agudas e de accordo com os mesmos principios; mas no caso contrario seguimos as idéas, que já expozemos.

Entre muitos outros apresentamos os seguintes pontos, que fazem variar as condições de serem mais ou menos abundantemente alimentados os feridos e operados:

- 1.º O estado geral do individuo.
- 2.º Gravidade da operação ou ferimento.
- 3.º Sêde do ferimento ou operação.
- 4.º Apparecimento da febre thraumatica.
- 5.º Perdas soffridas durante ou depois de feita a leção thraumatica.
- 6.º Estado das vias digestivas e appetite do doente.
- 7.º Habitos do doente no tempo de saude.

Com relação ao primeiro ponto observamos que se o ferimento se der n'um homem robusto, podemos e devemos diminuir-lhe mais um pouco a ração, visto que elle tem o seu sangue rico em principios nutritivos e por isso capaz de bastar ás primeiras necessidades do organismo. No caso contrario não poremos duvida, tendo em vista as regras procedentes, ordenar-lhe o uso d'uma alimentação reparadora. A este respeito citei um caso, além de muitos outros, onde as vantagens da alimentação são mais reparadoras. Foi o caso de um homem, que se recolheu á enfermaria de clinica com um ferimento por arma de fogo, e que por ter logar a distancia e não lhe ser prestado o prompto soccorro, obrigou o ferido a grandes perdas sanguineas. O doente foi devidamente soccorrido pelo digno professor de clinica, e ficou em tratamento.

O doente chegou mesmo a deixar aos assistentes pouca esperanza; passaram os primeiros abalos e complica-

ções, e o doente foi posto no uso d'uma ração o mais reparadora e variada que a tabella consentia.

Bifes, carne assada, vinho, tudo lhe foi dado, e além d'isto os preparados de quina e outros tonicos.

O ferimento, que tinha larga extensão, era na mão direita e deu causa a estragos, que iam até ao cotovêlo. Debaixo de tal influencia principiou a dar esperanças e quando terminou o exercicio clinico estava o homem quasi restabelecido, e, que seria d'elle se não fosse a boa alimentação?

Com relação ao segundo e terceiro pontos diremos que é tambem conveniente que, se a operação fôr grave ou em órgãos importantes e mesmo nas proximidades d'elles, sejamos mais escassos na alimentação, que variará, segundo o caso o pedir, já na quantidade já na qualidade ou fôrma. Assim nas feridas da cabeça com fractura dos ossos do craneo, e nas feridas penetrantes do peito, a dieta severa é de urgente indicação. Nas feridas ou operações que lesem o apparelho digestivo é tambem indicação o uso dos alimentos debaixo da fôrma liquida e pouco ou nada irritante.

Com relação ao quarto ponto diremos que se durante a operação ou ferimento e mesmo depois houver grandes hemorragias, é urgente fornecer alimentação reparadora aos doentes.

No quinto quesito relativo ao estado das vias digestivas, teremos sempre o cuidado de ministrar de quando em quando ligeiros purgantes e vêr se d'este modo lhe conservamos o estado hygido; mas sempre, que elles se achem em bom estado e o doente tenha appetite, é conveniente, que lhe forneçamos alimentos d'accordo com os principios, que em taes casos se observam.

Pelo que respeita aos habitos do doente devemos ter muito cuidado, porquanto ainda os trabalhos modernos feitos em Inglaterra provaram, que mesmo o uso de substancias contra-indicadas eram de notavel vantagem, quando os doentes a ellas acostumados não poderem sem grande sacrificio dispensal-as. Assim, os que usam habitualmente de aguardente, os trabalhos ultimamente feitos em Inglaterra mostram, que privando-os do uso d'ella, quan-

do operados ou feridos, elles succumbem em maior numero e as curas retardam-se.

O que dizemos com relação a esta substancia é applicavel a muitas outras.

Resumindo, temos que os operados e os feridos podem e devem ser alimentados d'uma maneira reparadora respeitando as condições que ficam expostas, e algumas outras, que o bom senso e regras therapeuticas aconselham.

No caso do apparecimento da febre thraumatica o thermometro servir-nos-ha de importante guia.

PROPOSIÇÕES

Anatomia—As cellulas ossêas não são simples transformações das cellulas cartilagineas.

Physiologia—A sensação da fome é despertada por todos os órgãos onde ha nervos de sensibilidade.

Materia medica—A cravagem de centeio é um excellente emmenagogo.

Pathologia geral—A syphilisação não previne a. syphilis, e é um excellente meio de propagar doenças.

Pathologia interna—As dysmenorrheas são vantajosamente tratadas pela cravagem de centeio.

Medicina operatoria—A laqueação da femoral nos casos d'aneurismas popliteos, deve ser praticada no meio da côxa.

Anatomia pathologica—O processo de formação dos productos morbidos é analogo ao dos productos normaes.

Partos—Nos partos naturaes e espontaneos não deve empregar-se o chloroformio.

Hygiene—A fiscalisação de hospitaes feita por homens sem conhecimentos de medicina, é um insulto á hygiene.

Approvada.

J. P. Pimenta.

Póde imprimir-se.

O CONSELHEIRO DIRECTOR,

Costa Leite.